

A ÉTICA DE EPICURO APLICADA À SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

FEIJÓ, Gabriela Estrella Liporace¹

RU 2479645

RESUMO

Vivemos em um mundo mais rico, contudo, repleto de insatisfação e desigualdade. A sociedade contemporânea é formada por pessoas que não se reconhecem felizes, que priorizam um status de poder, reconhecimento social e riqueza econômica, e se frustram por nunca atingir um ideal de satisfação financeira, que é diretamente relacionado ao conceito de felicidade. A frustração também se deve à percepção de que, mesmo diante de tanta tecnologia e riqueza, ainda há pessoas absolutamente miseráveis, que não dispõem de recursos mínimos para viver. Para refletir sobre esses temas, relacionando a frustração de uma felicidade baseada na satisfação efêmera somada ao incômodo da desigualdade, encontramos nas ideias defendidas por Epicuro, filósofo da antiguidade, fundamentos éticos específicos sobre os caminhos para uma vida feliz. Com base no pensamento epicurista, e em outros autores contemporâneos que perseguem ideias práticas de erradicação da pobreza e diminuição da desigualdade social, proponho a discussão de argumentos que possam trazer uma nova perspectiva aos anseios da sociedade, com o objetivo de modificar o reconhecimento do que é felicidade.

Palavras-chave: Epicuro. Felicidade. Sociedade contemporânea. Desigualdade.

1. INTRODUÇÃO

Diante dos problemas sociais relacionados à pobreza e à desigualdade de renda, e diante da competitividade característica do modo de vida capitalista, como é possível produzir e estimular na sociedade contemporânea os efeitos defendidos por Epicuro do que seria uma vida feliz?

Foi diante dessa questão que me motivei a refletir e elaborar um trabalho que problematiza a visão epicurista de felicidade (denominada pelo autor com o termo *ataraxia*), uma vez que, conforme Gomes (2003), é ausência de dor e perturbação, e, para atingi-la, o homem só precisa de si mesmo.

¹ Aluna do curso de Bacharelado em Filosofia do Centro Universitário Internacional UNINTER.

Contudo, minha proposta é pensar a felicidade de forma coletiva, a partir da percepção de que houve uma mudança brusca no acesso das pessoas a uma vida efetivamente mais confortável, sem que isso tenha afetado de maneira proporcional o reconhecimento de satisfação.

Há na sociedade contemporânea uma inegável melhora no padrão de vida, especialmente se comparado aos mesmos recursos usufruídos pelas pessoas até o período medieval, considerando diversos aspectos, como por exemplo acesso à informação, educação, saúde, moradia com condições sanitárias adequadas, e liberdade, entre tantos outros.

No entanto, mesmo diante de tantas melhorias, há pelo menos dois problemas fundamentais observados na sociedade contemporânea, que tornam uma discussão filosófica necessária e urgente: (i) grande parte das pessoas ainda tende a não se reconhecer feliz, uma vez que o conceito de felicidade se modificou ao longo da história, e passou a um patamar de satisfação efêmera, que prioriza um status de poder, reconhecimento social e riqueza econômica, o que nos mantém constantemente numa busca idealizada, e, portanto, fadada a frustração; (ii) mesmo em um mundo efetivamente mais rico, ainda há pessoas absolutamente miseráveis, que não dispõem de recursos mínimos para viver.

Neste trabalho, pretendo resgatar os conceitos defendidos na ética epicurista, que reconhecia nos prazeres naturais e necessários os valores reais para uma vida feliz, e, com base nesses fundamentos, propor argumentos que possam trazer uma nova perspectiva aos anseios da sociedade, com objetivo de idealizar um caminho mais profundo e consistente do reconhecimento do que é felicidade.

Vou procurar, ainda, apontar soluções reais que possam oferecer a todos um padrão social e econômico mínimo, de maneira que toda a sociedade consiga obter acesso aos prazeres naturais e necessários, ou seja, não sentir fome, frio, ter acesso à educação, saúde e viver em liberdade.

2. A ÉTICA DE EPICURO APLICADA À SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Trazer a ética proposta por Epicuro para uma discussão voltada aos prazeres da sociedade contemporânea, especialmente quando se trata da felicidade, é realizar aquilo que o autor propunha, uma vez que sua visão filosófica era estabelecida pelo

valor dos debates, dos pensamentos, aplicados à vida das pessoas, numa conexão necessária entre reflexão e atitude.

Epicuro dizia que a filosofia era uma atividade destinada a estabelecer, por meio de raciocínios e de discussões, uma vida feliz, sendo o filosofar não apenas uma questão de palavras, mas sobretudo de atos. Ensinava que os homens fazem mal em perder tempo com buscas determinadas apenas pela curiosidade sobre assuntos que lhes importam pouco ou mesmo nada, quando deveriam concentrar todos os seus cuidados sobre as coisas que dizem respeito à sua felicidade. (GOMES, 2003, p. 151)

Para isso, vou inicialmente me dedicar a apresentar os principais pontos defendidos pelo autor, para, em seguida, estabelecer as relações que contribuiriam positivamente na aplicação dos elementos fundamentais da ética epicurista diante dos novos paradigmas da sociedade.

2.1 A FELICIDADE PARA EPICURO

A felicidade foi um dos principais temas analisados por Epicuro, e, talvez por isso, sua escola atraiu a atenção tanto de pessoas do povo como da elite. O conceito de felicidade a partir da visão epicurista defende que o sujeito deve se reconhecer feliz somente a partir da realização de prazeres.

No entanto, tal visão foi responsável por um erro de interpretação do que Epicuro queria dizer quando descrevia a realização do prazer como o objetivo da vida feliz, pois muitas vezes isso era relacionado a uma espécie de hedonismo desvairado, baseado em exageros de consumo e luxúria.

Isso não só é um grande equívoco, como o total inverso do que realmente defendia a visão epicurista.

Quando então dizemos que o fim último é o prazer, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos, como acreditam certas pessoas que ignoram o nosso pensamento, ou não concordam com ele, ou o interpretam erroneamente, mas ao prazer que é ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma. (EPICURO, 2002, p.43)

Epicuro elabora uma separação entre três tipos de prazeres: naturais necessários, naturais não necessários e não naturais não necessários. Vale ressaltar que todos são parte da natureza, contudo é quando se distingue a função existencial dos prazeres em grupos separados, que se observa com clareza que parte dos prazeres são do corpo, da condição humana, e outros são produzidos externamente por forças culturais e ideológicas.

Dos prazeres naturais necessários, podemos absorver a verdadeira fonte da felicidade humana, pois são os responsáveis pela harmonia do nosso corpo, segundo Epicuro. Nossa existência só é possível quando o corpo satisfaz os desejos naturais e necessários, de forma que nós não os desejamos porque são bons, eles são bons porque os desejamos. Podemos identificar três pilares básicos que resumem os prazeres naturais e necessários: água, para não morrer de sede; comida para não morrer de fome; calor; para não morrer de frio.

Já os prazeres naturais não necessários são desejos que provem ainda das mesmas necessidades existenciais do corpo, contudo, são mais “exigentes”, tais como ingerir bebidas refinadas e comidas mais elaboradas, e usar roupas da moda. Tais prazeres não são negados pelos epicuristas, no entanto, é necessário cautela, pois os exageros podem causar sofrimento, portanto, devem ser evitados.

Finalizando, há os prazeres não naturais e não necessários, que são aqueles desejos supérfluos, que estão relacionados a fama, glória, luxo. Tais desejos são vazios, alienam, nos afastam de uma vida natural e de prazeres. Enfim, causam mais dor que prazer, mais sofrimento que alegria, e desses a recomendação é fugir. Cumpre observar que são esses, os prazeres não naturais e não necessários, que vêm sendo utilizados como objetivo de vida feliz, e conduzindo a humanidade a uma história de frustração, mesmo com tanta riqueza.

Porém, proponho imaginar que a sociedade comece a adotar a visão epicurista de felicidade. Diante de tal mudança, o sujeito passaria a se reconhecer feliz a partir da satisfação dos prazeres naturais e necessários. Uma vez obtida tal satisfação, livra-se o sujeito da frustração de sempre buscar mais e mais prazeres para uma suposta felicidade, que parece inatingível.

Uma vez que tenhamos atingido esse estado, toda a tempestade da alma se aplaca, e o ser vivo, não tendo que ir em busca de algo que lhe falta, nem procurar outra coisa a não ser o bem da alma e do corpo, estará satisfeito. De fato, só sentimos necessidade do prazer quando sofremos sua ausência; ao contrário, quando não sofremos, essa necessidade não se faz sentir. (EPICURO, 2002, p. 35-37)

De forma prática, podemos imaginar que, para o sujeito contemporâneo, a satisfação dos prazeres naturais e necessários é não sentir fome e sede, tendo assim acesso à água potável e alimentação suficiente e saudável; não sentir frio ou calor extremo, o que pode ser obtido através de acesso a vestuário e habitação adequados;

ter preservada sua saúde e sua liberdade, não sendo submetido à intolerância e violência.

Contudo, percebemos que isso ainda está distante da realidade do homem contemporâneo, que, mesmo quando está bem nutrido, limpo, seguro (o que nem sempre acontece em grandes grupos sociais, devido à pobreza e à desigualdade) é envolvido por sentimentos de profunda frustração e, paradoxalmente, não consegue se reconhecer feliz.

É um notável paradoxo que, no auge da realização material e tecnológica humana, nos encontremos dominados pela ansiedade, propensos à depressão, preocupados com os modos como os outros nos veem, incertos de nossas amizades, levados ao consumo e com pouca ou nenhuma vida em comunidade. Na falta do contato social descontraído e da satisfação emocional de que todos necessitamos, buscamos conforto no excesso de comida, no consumo e gasto obsessivos ou nos tornamos vítimas do abuso do consumo de álcool, medicamentos psicoativos e drogas ilegais. (WILKINSON e PICKETT, 2015, p. 45)

2.2 O CONCEITO ATUAL DE FELICIDADE

Com o desenvolvimento e consolidação do capitalismo como principal modelo econômico, a sociedade contemporânea aparenta viver o extremo oposto do que Epicuro conceituava como felicidade, pois se baseia em um modelo de vida repleto de prazeres não naturais e não necessários (luxo, aparato tecnológico, necessidade de reconhecimento social, etc.).

Estamos vivendo numa era que tende à simplificação de tudo, inclusive do que é a felicidade e do que pode tornar as pessoas felizes. A partir daí, percebe-se a criação de demandas de consumo, que parecem ter o objetivo de satisfazer os sentidos e interpretações que a felicidade pode ter.

Não é difícil observar indivíduos abastados economicamente, que possuem todos os bens de consumo mais desejados, carregando uma sensação de frustração, de vazio. Paradoxalmente, atribuem a felicidade ao poder de consumo, mas existencialmente não conseguem atingir a vida feliz, mesmo diante do consumo exagerado. O conceito de sociedade de consumo é um diagnóstico preciso da mudança de valores e prioridades observados na sociedade contemporânea.

A sociedade de consumo caracteriza-se, antes de tudo, pelo desejo socialmente expandido da aquisição "do supérfluo", do excedente, do luxo. Do mesmo modo, se estrutura pela marca da insaciabilidade, da constante

insatisfação, onde uma necessidade preliminarmente satisfeita gera quase automaticamente outra necessidade, num ciclo que não se esgota, num continuum onde o final do ato consumista é o próprio desejo de consumo. (RETONDAR, 2008, p. 137)

O desejo de satisfação foi banalizado pela sociedade contemporânea. Vivemos continuamente perseguindo objetivos de um suposto crescimento econômico que nunca é o suficiente, e baseados na ideia de que nossa felicidade depende da realização de fins que foram estabelecidos para nós, ou que nós mesmos estabelecemos, mas que sempre são rapidamente substituídos por outros, cada vez mais ambiciosos.

Associando a aquisição dos bens de consumo ao conceito de felicidade, visão característica da sociedade contemporânea, o padrão exigido para o sujeito se considerar realizado se afasta completamente da ética epicurista, e, tal qual uma cenoura presa na frente do burro, seguimos motivados por um estímulo sempre inatingível.

Na direção oposta a essa corrente, Epicuro defendia que, se os desejos forem exacerbados, podem ser fontes de perturbações constantes, dificultando o encontro da felicidade, que é a manutenção da saúde do corpo e a serenidade do espírito.

2.3 DESIGUALDADE SOCIAL: UM GRANDE OBSTÁCULO

Proponho novamente imaginar que um determinado sujeito contemporâneo se comprometa a adotar a ética epicurista como o pensamento que guia seu comportamento. E que tal sujeito possua recursos suficientes daquilo que, segundo Epicuro, é preciso para ser feliz, ou seja, satisfaça seus prazeres naturais e necessários (alimentação, moradia que o proteja, saúde, liberdade). Ainda assim, há uma espécie de obstáculo que dificulta a realização do prazer desse indivíduo, impedindo que ele se considere feliz: a desigualdade social.

Afinal, somos seres reconhecidamente sociais, compartilhamos espaço e organização, e não há como ignorar o mal-estar de viver numa sociedade em que uns tem tanto e outros tem tão pouco. Ou não tem nada. E esses, os que não tem nada, morrem justamente pela falta de acesso aos tais prazeres naturais e necessários. Como se considerar feliz por não ter fome, mas observar e conviver entre famintos e abastados?

Mas o dinheiro deveria ser a chave para uma vida feliz e saudável, certo? Sim. Entretanto, em termos nacionais, apenas até certo ponto. Até um PIB per capita de cerca de 5 mil dólares por ano, a expectativa de vida aumenta mais ou menos de forma automática. Mas uma vez que exista comida suficiente na mesa, um telhado que não vaza e água corrente e potável, o crescimento econômico já não é mais garantia de bem-estar. A partir desse ponto, a igualdade é um fator determinante muito mais preciso. (BREGMAN, 2018, p. 59)

Concluo que a visão da ética epicurista somente é possível num mundo que adote medidas para que todos tenham acesso aos recursos básicos de sobrevivência digna. Afinal: Por que milhões de pessoas ainda vivem na pobreza, se já temos no mundo riqueza suficiente para extinguir este mal?

Richard Wilkinson e Kate Pickett (2015), pesquisadores com formação em epidemiologia, se aprofundaram diante da questão da desigualdade e seus efeitos. Utilizando os mesmos métodos que apuram as causas de doenças em populações, abordam na obra *“O Nível – Porque uma sociedade mais igualitária é melhor para todos”*, parâmetros de diversas pesquisas e estudos que resultaram numa análise profunda das consequências psicológicas e sociais devastadoras provocadas pela desigualdade social.

Wilkinson e Pickett demonstraram através de gráficos que comparam a influência da desigualdade social em vários aspectos que dificultam a vida comunitária e as relações sociais, tais como a saúde mental e uso de drogas, a violência, a saúde física e expectativa de vida, o encarceramento, o desempenho educacional, e muitos outros. Para isso, os pesquisadores usam como parâmetro os dados fornecidos pelos países mais ricos, demonstrando que os efeitos da desigualdade social atingem a todos. Segundo Wilkinson e Pickett (2015, p.17), *“A visão ingênua da desigualdade é a de que ela só importa quando causa pobreza ou é considerada muito injusta. Mas a verdade é que temos reações psicológicas arraigadas aos graus de desigualdade social”*.

Procurar reduzir a desigualdade deveria ser o objetivo maior de todos os planos econômicos, políticos e sociais, pois de nada adianta reduzir as consequências provocadas por ela, sem reduzir a causa. Poucas pessoas muito ricas e muitas pessoas muito pobres coabitam o mesmo espaço, em diferentes proporções dependendo da nação, mas, invariavelmente, isso é devastador para todos os envolvidos, pobres e ricos.

No entanto, como os problemas sociais atingem mais diretamente às camadas pobres da sociedade, naturalmente as medidas no combate à desigualdade social visam tirar essas pessoas da linha da pobreza, para que tenham uma renda que possibilite sustentar uma base de oportunidade similar entre todos, diminuindo as distâncias sociais e a sensação de superioridade e inferioridade entre as pessoas.

2.4 DINHEIRO TRAZ FELICIDADE

O ditado tão conhecido “Dinheiro não traz felicidade” poderia, à primeira vista, ser utilizado como algo que resume a visão discutida neste trabalho. Contudo, asseguro que é o completo oposto disso. Dinheiro, ou seu equivalente, é justamente o que traz felicidade, pois possibilita a realização de uma vida com dignidade, e, em última instância, possibilita a vida boa, pois é através dele que podemos ter acesso ao conforto do corpo.

Não me entenda mal: em vários países, o crescimento econômico, a assistência social e a saúde ainda andam alegremente de mãos dadas. Trata-se de lugares onde ainda há barrigas para encher e casas para construir. É um privilégio dos ricos traçar outros objetivos além do crescimento. Mas, para a maior parte da população mundial, o dinheiro é o mais importante. “Só existe uma classe na comunidade que pensa mais em dinheiro do que os ricos”, disse Oscar Wilde, “e esta é a classe pobre.” (BREGMAN, 2018, P. 94-95).

A grande questão é: o que pode ser considerado dinheiro suficiente? Talvez um cálculo seja possível, mas, tratando-se de uma pesquisa filosófica, e não do campo da economia, convém reformular a questão: existe um valor ideal para conseguir suprir as necessidades humanas, aqueles tais prazeres naturais e necessários? Porque, se para aplicar a visão epicurista de vida feliz o mais importante é suprir tais “prazeres”, é fundamental refletir sobre o que seria esse valor suficiente, e, se possível, procurar meios que possibilitem que todos (sim, todos!) possam dispor dessa quantia.

Talvez padronizar a definição de suficiente seja tarefa quase impossível, pois é uma interpretação pessoal definir-se satisfeito. Mas se pudermos focar em atribuir o significado de suficiência como algo próximo ao que é de fato necessário, percebemos que a satisfação está bastante acessível para boa parte da humanidade. Mas há dificuldade em acreditar e absorver esta ideia. Segundo Epicuro (2005, p.79), “nada é suficiente para quem julgar o suficiente demasiadamente pouco”.

Se é tarefa da filosofia refletir sobre a questão do prazer e da satisfação, é tarefa minha neste trabalho imaginar pretensiosamente que sim, há necessidade de tentar padronizar o conceito de suficiente, como um nível perfeito a ser atingido para uma abordagem prática do que poderia ser considerado o padrão mínimo para garantir o conforto do corpo, da vida boa.

Levando então a questão ao patamar do pragmatismo, é notório que há diversos planos e projetos sociopolíticos com objetivo de oferecer acesso à população mais pobre aos recursos de alimentação, moradia, saúde e educação. Mas neste trabalho vou abordar uma ideia específica, que entendo ter a amplitude necessária às mais diversas nações do mundo: a renda básica universal. Sim, o oferecimento de dinheiro para todos.

2.5 RENDA BÁSICA UNIVERSAL: UMA UTOPIA REAL

Desejos simples geram utopias simples. Se você tem fome, seu sonho é um farto banquete. Se tem frio, sonha com uma lareira aconchegante. Quem enfrenta diversas enfermidades sonha com a juventude eterna. Todos esses desejos eram refletidos nas antigas utopias, concebidas quando a vida ainda era cruel, bruta e curta. (BREGMAN, 2018, p.17)

Na obra *Utopia para Realistas – Como construir um mundo melhor* (2018), o historiador holandês Rutger Bregman propõe uma reflexão sobre o impacto socioeconômico, caso um plano de oferecimento a todos de uma renda básica universal fosse implementado.

A proposta de Bregman (2018) parte da constatação de que, mesmo com uma melhora geral do bem-estar da humanidade, que deu um salto nos últimos 200 anos, e mesmo com todo desenvolvimento tecnológico e todas as consequências relacionadas a ele, ainda assim, não foi possível erradicar a pobreza.

Contudo, o autor defende que há na era contemporânea motivos reais para acreditar que estamos aptos a realizar esse movimento, pois a erradicação da pobreza não é somente viável, ela é fundamental e traria benefícios para toda a humanidade. A defesa de Bregman é a seguinte:

Uma renda básica universal. E não meramente por alguns anos, ou apenas em países em desenvolvimento, ou apenas para os pobres, mas apenas o que está escrito: dinheiro de graça para todos. Não como um favor, mas como um direito. Chame isso de “caminho capitalista para o comunismo”. Uma mesada mensal, suficiente para o sustento, sem que se precise levantar um dedo. A única condição para isso é que você esteja vivo. Não haveria inspetores supervisionando para ver se você está gastando o dinheiro com

sabedoria, ninguém questionando se o benefício é mesmo merecido. Não haveria mais programas de benefícios especiais e assistência; no máximo uma quantia adicional para idosos, desempregados e incapacitados para trabalhar. Renda básica: essa é uma ideia cujo tempo já chegou. (BREGMAN, 2018, p. 35-36)

O autor apresenta uma diversidade de experiências em locais específicos em que a ideia foi executada, e os resultados se mostraram profundamente transformadores, não somente para a população pobre, mas para toda a sociedade.

Ainda que o pensamento possa ser definido, à primeira vista, como utópico e, portanto, praticamente impossível de se colocar em prática, Bregman (2018), que acredita ser a utopia um conceito, por ele mesmo, estimulante para o progresso da sociedade, apresenta dados realistas e com bases históricas que comprovam a viabilidade da ideia. O entendimento do autor é de que, com todo o respeito ao que é de fato utopia, a ideia da renda básica já se comprovou perfeitamente possível e executável em diversas sociedades, mesmo com dificuldades e problemas que porventura venham atrelados a ela.

Entre os possíveis problemas, é comum observar a desconfiança na proposta da renda básica, por se considerar que os pobres não teriam a “sabedoria” em gastar o dinheiro que receberiam, que supostamente seria usado para a compra de álcool, drogas ou outros gastos que não trariam benefícios a eles mesmos. Tal desconfiança, segundo Bregman (2018), não se comprovou nas experiências em que houve a implementação da renda básica, na verdade foi o inverso disso. As pessoas, em geral, investem na formação técnica e educacional e se sentem estimuladas a se recuperar de vícios, pois se reconhecem como membros ativos de uma comunidade.

A visão majoritária das pessoas ainda parece ser de que indivíduos pobres precisam ser orientados através de programas assistenciais cercados de burocracias, formulários, exigências e inspetores. Ou, ainda, que é função exclusiva do poder público oferecer cursos, apoio educacional, ou diversas outras formas de política assistencial que, mesmo válidas e essenciais, não vêm se mostrando inteiramente eficientes no seu fim.

Contudo, os programas que oferecem dinheiro diretamente, e dão o poder de escolha para os que recebem, desmistificando a ideia de que a pessoa pobre não sabe o que é bom para ela, vêm obtendo resultados bem mais satisfatórios. “Estudos

de todas as partes do mundo oferecem provas definitivas: dinheiro grátis funciona”, observa Bregman:

Já existem pesquisas correlacionando a distribuição incondicional de dinheiro a reduções de criminalidade, mortalidade infantil, desnutrição, gravidez na adolescência, falta às aulas e a melhorias nos resultados escolares, crescimento econômico e igualdade de gêneros. “A principal razão pela qual os pobres são pobres é que eles não têm dinheiro suficiente”, observa o economista Charles Kenny, “e não deveria surpreender ninguém que dar dinheiro a eles seja uma forma excelente de reduzir o problema da pobreza”. (BREGMAN, 2018, p. 33)

2.6 PORQUE A FELICIDADE PENSADA POR EPICURO SÓ É POSSÍVEL NUM MUNDO MENOS DESIGUAL

A ética proposta por Epicuro parece partir da premissa de que todas as pessoas têm acesso ao básico que o corpo precisa para se manter suficientemente saudável. Quando ele valoriza os prazeres moderados e propõe que sejam eles a base para a vida feliz, parece que supostamente todas as pessoas têm acesso a esses prazeres, então bastaria ajustar individualmente nossa visão, passando a valorizar hábitos simples. Contudo, na realidade do mundo, especialmente em países em desenvolvimento como o Brasil, observamos ainda uma camada da população que não tem sequer o que comer.

Não há na obra de Epicuro discurso político ou econômico, ao contrário, o autor é reconhecidamente avesso a sistemas econômicos e organizações políticas, mas, em última instância, pensar a felicidade humana é um movimento que transcende o debate da ética, e, envolve todas as esferas sociais, especialmente a política.

Propostas de erradicação da pobreza e, conseqüentemente, a diminuição da desigualdade social, parecem estar em sintonia com a mensagem proposta no aforismo escrito por Epicuro (2002, p.76): “A voz da carne diz: não passar fome, não passar sede, não sofrer frio! – Aquele, porém, que não é condenado a esses padecimentos, ou que pode contar com a certeza de que não venham a acontecer, pode comparar a sua ventura à do próprio Zeus”.

Certamente que, sob a ótica epicurista, a riqueza como meta para a vida feliz é problematizada com mais intensidade na obra do filósofo, que não se coloca de forma combativa pela erradicação da pobreza. Então, se para Epicuro, o problema da riqueza relacionado à felicidade é mais evidente, por que não afirmar que a felicidade

de Epicuro só é possível num mundo sem riqueza? Sim, essa afirmação também é admissível.

Contudo, num debate sobre os valores do homem contemporâneo, que idealiza o luxo como sinônimo de felicidade, defender qualquer ponto de vista combativo à riqueza é estar condenando a discussão a um campo puramente teórico, pois tal proposta exige uma mudança de paradigma radical e profunda.

Desconectar a ideia de luxo e riqueza à felicidade pode ser considerada uma escala evolutiva humana a ser alcançada num momento seguinte, e talvez ainda estejamos imaturos para absorver um pensamento tão revolucionário (e ao mesmo tempo simples), que configura os prazeres não naturais e não necessários (luxo, riqueza) como carregados de mais dor que prazer. Um dia talvez a humanidade perceba que vincular a felicidade a uma vida de exageros materiais só nos traz angústia e frustração.

É um processo, de fato uma mudança profunda de todas as referências da sociedade de consumo, e não será possível atingir este patamar sem a desconstrução de um pensamento cuidadosamente forjado para parecer indestrutível.

Devemos nos ocupar, por ora, com o debate de ideias que possam oferecer a toda a humanidade acesso ao básico, e pela busca da diminuição da desigualdade social. Isso já tende a nos direcionar à felicidade epicurista.

Diante da abundância que estamos vivendo no mundo contemporâneo, pensar em soluções reais para oferecer o acesso universal, incondicional e irrestrito a todos os seres humanos aos prazeres naturais e necessários pode ser um passo evolutivo menos utópico, mais pragmático e de importância fundamental ao bem-estar de todos.

3. METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa utilizada para elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso foi através de levantamento bibliográfico, utilizando como fontes documentais livros, artigos impressos e publicações digitais, que serviram de base para uma reflexão profunda sobre o tema da felicidade, e sobre soluções práticas para o avanço da sociedade contemporânea.

Além da obra de Epicuro, especialmente os trechos sobre ética, procurei abordar as concepções de seus comentadores, utilizando obras publicadas e artigos científicos.

Na abordagem referente ao diagnóstico dos problemas da sociedade contemporânea e propositura de soluções, usei como base teórica as obras “O Nível – Por que uma sociedade mais igualitária é melhor para todos”, de Richard Wilkinson e Kate Pickett e “Utopia para Realistas – Como construir um mundo Melhor” de Rutger Bregman, e artigo publicados digitalmente sobre os paradoxos da vida moderna.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Precisamos refletir sobre aquilo que orienta o homem contemporâneo no sentido de encontrar significado para sua vida. Esse é um dos maiores objetivos da filosofia, propor reflexões a partir das mais diferentes fontes e pensamentos. E, frequentemente, isso acontece numa inusitada conexão de ideias de pensadores antigos com autores contemporâneos, e, assim, mensagens construídas antes mesmo da era cristã podem se conectar com nosso mundo tão tecnológico e globalizado.

Ela (a filosofia) me possibilitou reconhecer num autor da antiguidade, que nasceu em 341 a. C., uma referência fundamental de ética que pode (e deve) ser aplicada nos dias de hoje. Embora não seja muito citado e explorado, o pensamento de Epicuro parece se ajustar aos movimentos recentes de busca pela redução de consumo, pelo minimalismo como solução para uma vida melhor, cujo objetivo é possibilitar que o sujeito contemporâneo consiga se reconhecer feliz.

Mas tais movimentos de redução de consumo, apesar de importantíssimos, ainda são inexpressivos, se comparados ao consumismo exagerado e destrutivo, e acabam surgindo como manifestações individuais.

É necessário imaginar soluções de ordem coletiva, pois há uma angústia crescente por um significado maior para a vida, que atinge a sociedade como um todo. A proposta epicurista, concentrada no equilíbrio e no afastamento de tudo que cause dor, pode servir como caminho para combatermos essa angústia.

As observações que fiz neste trabalho se voltaram para ideias práticas que vem sendo estudadas pelas mais diversas áreas do conhecimento, mirando especialmente

no fim da miserabilidade e na diminuição gradativa da desigualdade social. Porque acredito que grande parte da nossa angústia vem da sensação incômoda de perceber que a miséria e a riqueza convivem como se isso não fosse um problema. Vivemos uma espécie de sentimento de culpa pelo excesso de consumo desnecessário, enquanto observamos a massa de miseráveis, que mal tem o que comer. E somos mesmo culpados.

Então, se queremos melhorar enquanto sociedade, devemos, nos inspirando na filosofia de Epicuro, buscar soluções racionais que possam favorecer o equilíbrio dos seres humanos. Nem miséria, nem consumo em excesso. Pois isso, numa interpretação voltada à coletividade da ética proposta pelo pensador, é o que levará o homem à felicidade.

REFERÊNCIAS

BREGMAN, R. **Utopia para realistas**: Como construir um mundo melhor. Tradução: L. Couceiro. Rio de Janeiro: Sextante, 2018. 256 p.

EPICURO. **Carta sobre a Felicidade** (A Meneceu). Tradução: A. Lorencini, E. D. Carratore. 1. ed. São Paulo: UNESP, 2002. 51 p.

GOMES, Táurea Oliveira. A Ética de Epicuro: Um Estudo da Carta a Meneceu. Revista **Μετανόια**, São João del Rei, ed. 5, p. 147-162, Julho 2003. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/lable/revistametanoia_material_revisto/revista05/texto13_etica_epicuro.pdf. Acesso em: 24 fev. 2021.

MEWALDT, J. **Pensamentos de Epicuro**: Textos selecionados. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2005. 141 p.

RETONDAR, Anderson Moebus. A (re)construção do indivíduo: a sociedade de consumo como "contexto social" de produção de subjetividades. **Soc. estado.**, Brasília, v.23, n.1, p.137-160, Abril 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922008000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 Fev. 2021.

VALIM, Diogo Assunção; BORDIN, Reginaldo Aliçandro. Epicuro: A ética e o prazer, os caminhos da felicidade. In: VII JORNADA DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS - VI CICLO DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS DO PR E SC, 29., 2008, Maringá. **Anais [...]**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2009. p. 1-12. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2008/pdf/c029.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021.

WILKINSON, R.; PICKETT, K. **O nível**: Porque uma sociedade mais igualitária é melhor para todos. Tradução: M. Tombini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. 374 p.

